



# FÁBRICAS E HOMENS

*A Revolução Industrial e  
o cotidiano dos trabalhadores*

*EDGAR DE DECCA  
CRISTINA MENEGUELLO*

**Coordenação:**  
*Marly Rodrigues  
Maria Helena Simões Paes*

**5ª EDIÇÃO**

Conforme a nova ortografia



**Atual  
Editora**

Copyright © Edgar de Decca.  
Cristina Meneguello, 1999.

**Saraiva Educação Ltda.**  
Av. das Nações Unidas, 7.221 - 2ª andar - Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

SAC | 0800-0117875  
De 2ª a 6ª, das 8h às 18h  
www.editorasaraiva.com.br/contato

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Decca, Edgar de  
Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores / Edgar de Decca, Cristina Meneguello; coordenação Marly Rodrigues, Maria Helena Simões Paes. — São Paulo : Atual, 2009. — (História Geral em Documentos)

Inclui roteiro de leitura.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-7056-979-0

1. Fábricas — História 2. Industrialização 3. Indústrias — História 4. Trabalho e classes trabalhadoras — História  
I. Meneguello, Cristina. II. Rodrigues, Marly. III. Paes, Maria Helena Simões. IV. Título. V. Série.

CDD-909.81

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fábricas : Século 19 : História 909.81
  2. Revolução Industrial : Século 19 : História 909.81
  3. Trabalhadores : Século 19 : História 909.81
- 8ª tiragem, 2016

**Coleção História Geral em Documentos**

*Gerente editorial:* Wilson Roberto Gambeta

*Editor:* Henrique Félix

*Assessora editorial:* Jacqueline F. de Barros

*Coordenadora de preparação de texto:* Maria Cecília F. Vannucchi

*Revisão:* Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) /

Veridiana Cunha

Valéria Franco Jacintho

*Pesquisa iconográfica:* Cristina Akisino

*Gerente de arte:* Edilson Félix Monteiro

*Editor de arte:* Celson Scotton

*Chefe de arte:* Renata Susana Rechberger

*Editoração eletrônica:* Silvia Regina E. Almeida (coord.)

**Colaboradores**

*Projeto gráfico:* Ethel Santaella

*Projeto gráfico de capa:* Cláudia Scatamacchia

*Capa:* Usinas siderúrgicas Borsig, Berlim, por volta de 1845  
(Museu de Berlim)

*Preparador de texto:* Ronaldo Antonelli

*Impressão e acabamento:*

Todas as citações de textos contidas neste livro estão de acordo com a legislação, tendo por fim único e exclusivo o ensino. Caso exista algum texto a respeito do qual seja necessária a inclusão de informação adicional, ficamos à disposição para o contato pertinente. Do mesmo modo, fizemos todos os esforços para identificar e localizar os titulares dos direitos sobre as imagens publicadas e estamos à disposição para suprir eventual omissão de crédito em futuras edições

*Quando o apito da fábrica de tecidos  
Vem ferir os meus ouvidos  
Eu me lembro de você  
Mas você anda sem dúvida bem zangada  
E está interessada  
Em fingir que não me vê*

*Você que atende ao apito de uma chaminé de barro  
Por que não atende ao grito tão aflito da buzina do meu carro*

*Você no inverno sem meias vai pro trabalho  
Não faz fé com agasalho  
Nem no frio você crê  
Mas você é mesmo artigo que não se imita  
Quando a fábrica apita  
Faz reclame de você*

*Nos meus olhos você vê  
Como eu sofro cruelmente com ciúmes do gerente impertinente que dá ordens  
[a você]*

*Sou do sereno poeta muito noturno  
Vou virar guarda-noturno  
E você sabe por quê  
Enquanto você faz piano  
Faço junto do piano esses versos pra você*

(Noel Rosa, 'Três apitos'.)



Nota do Editor: A qualidade da reprodução fotográfica de alguns documentos pode ter sido comprometida pelo estado dos originais.

Os documentos escritos em inglês em sua maioria foram traduzidos para o português diretamente por Cristina Meneguello.



# SUMÁRIO

## Parte I

<i>Introdução</i> _____	11
-------------------------	----

## Parte II

<i>Documentos</i> _____	23
1. A vida antes da Revolução Industrial _____	25
2. As fábricas _____	34
3. O crescimento das cidades _____	46
4. Lazer e organização política dos trabalhadores _____	58
5. Considerações finais _____	68

## Apêndice

Vocabulário _____	71
Cronologia _____	74
Para saber mais _____	76
Bibliografia _____	78





PARTE I

# Introdução





---

## *A permanente transformação*

**A**s máquinas estão a tal ponto presentes em nosso dia a dia que mal percebemos o quanto se acham integradas ao mundo em que vivemos. Sem elas, não existiria a maioria dos produtos que consumimos ou utilizamos, grande parte de nossas tarefas não poderia ser executada, nosso lazer seria diferente e novas máquinas não sairiam da prancheta dos projetistas. As máquinas influenciam desde a maneira como utilizamos nosso tempo até o modo como desenvolvemos nossas atividades profissionais, domésticas, escolares e sociais.

De certa forma, as máquinas dão a impressão de que tornam nossa vida mais simples, eficiente e agradável, e de que sem elas o cotidiano perderia todo o sentido. Automóveis, telefones e televisores, por exemplo, são cada vez mais indispensáveis em nossa rotina diária. Por outro lado, sua existência também nos acarreta sérios problemas, como a poluição do ar, causada em grande parte pelos automóveis, e a dos rios, decorrente sobretudo do lançamento de resíduos industriais nas suas águas.

Ao pensar sobre isso, você com certeza se lembrará de muitos outros exemplos da utilização das máquinas em nossa realidade, e provavelmente achará difícil imaginar a vida sem elas. Entretanto, a sociedade nem sempre viveu como hoje, e o acontecimento histórico que inaugurou esse novo tempo foi a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra a partir de meados do século XVIII.

Antes desse período, a maioria das pessoas vivia no campo ou em vilarejos. Trabalhavam em pequenos grupos e produziam, em pequena escala, aquilo de que precisavam — alimentos, roupas e objetos. Havia grandes cidades, porém eram cidades comerciais e principalmente cidades capitais, ou seja, centros do poder político dos reinos. Os centros urbanos como grandes aglomerados de pessoas, muitas delas vivendo em condições precárias, apenas começaram a se multiplicar com o desenvolvimento das fábricas.

No final do século XVIII, com a intensificação dos cercamentos\* dos campos, realizados por grandes proprietários, os camponeses perderam suas terras. Muitas delas, anteriormente desfrutadas por todos (terras comunais), foram declaradas de posse privada, e as pessoas que viviam no campo passaram a ser severamente punidas se plantassem, colhessem, caçassem ou mesmo recolhessem lenha nesses locais.

Simultaneamente, a invenção das máquinas movidas a vapor trouxe enormes consequências sociais, entre as quais uma nova forma de organizar o trabalho: a atividade artesanal doméstica foi sendo progressivamente substituída pelo trabalho dentro das fábricas.

Antes do surgimento das fábricas existiam as manufaturas\*, nas quais um número pequeno de trabalhadores executava suas atividades com o auxílio de ferramentas. Nesse tipo de unidade de produção já havia minuciosa divisão do trabalho, e cada trabalhador desenvolvia tarefas específicas. O escocês Adam Smith, o mais famoso economista do século XVIII, cunhou a expressão “divisão do trabalho” para descrever as inúmeras tarefas necessárias à produção de uma manufatura. Para mostrar como se poderia trazer racionalidade e eficiência à produção, criou um célebre exemplo de divisão do trabalho numa manufatura de alfinetes, na Inglaterra:

*Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se 3 ou 4 operações*

---

\* As palavras com asterisco são definidas no Vocabulário, no final do livro.

*diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente. Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas [...] Por conseguinte, essas 10 pessoas conseguiram produzir entre elas mais do que 48 mil alfinetes por dia [...] Se, porém, tivessem trabalhado independentemente um do outro [...] certamente cada um deles não teria conseguido fabricar 20 alfinetes por dia, e talvez nem mesmo 1 [...]*

*(A riqueza das nações — Investigação sobre sua natureza e suas causas. 1996. p. 66.)*

Se nas manufaturas a habilidade do trabalhador no manejo das ferramentas era imprescindível, com a invenção das máquinas essa habilidade deixou de ser fundamental para o processo de produção.

O trabalhador que foi para a fábrica não era dono de nada que lá existia. Não era dono das matérias-primas\* nem do dinheiro necessário para comprá-las. Não era dono das máquinas e tampouco dos produtos finais que ajudava a fabricar. Os trabalhadores que serviam de mão de obra para as fábricas eram, em grande parte, os camponeses que tinham perdido suas terras e se tornaram, respeitadas as diferenças históricas, os sem-terra da época da Revolução Industrial. Existiam também aqueles que buscavam melhor oportunidade de vida nas cidades porque seu ofício havia perdido a importância diante das máquinas, capazes de produzir mais e com maior rapidez. Por exemplo, com a primeira máquina moderna de fiação, conhecida como “Jenny”, uma pessoa sozinha realizava o trabalho de doze fiandeiras.

Sendo donos apenas de sua força de trabalho, os trabalhadores das primeiras fábricas transformaram-se em operários, empregados de algum dono de fábrica, perdendo sua independência. Em troca de um salário muito baixo, tinham de trabalhar de dez a doze horas por dia, sempre com medo de perder o emprego, uma vez que, caso cometessem alguma falta ou desagradassem a seus chefes e pa-